

Crise e união

A visita do presidente Fernando Henrique Cardoso ao Uruguai e ao Chile, onde manteve importantes reuniões de cúpula com presidentes de países vizinhos, acontece em momento de grande significação política para o continente. A crise argentina, na sequência da mexicana, coloca a todos no mesmo barco.

O Brasil, por suas dimensões, exerce liderança natural nesse processo. Para onde pender, penderá a maioria. Não se trata de índole imperial, mas decorrência inevitável de seu peso geopolítico. Daí a responsabilidade que lhe cabe neste delicado momento para a vida econômica do continente.

O desarranjo do sistema financeiro internacional está na raiz da crise que afeta os países de economia periférica. O Brasil, como não se cansa de repetir o presidente, não possui as mesmas peculiaridades de México e Argentina. Tem mais solidez econômica e está atento ao processo, evitando repetir os erros lá cometidos. O pacote anticonsumo, baixado há uma semana pelo Conselho Monetário Nacional, estaria, segundo o presidente, dentro dessa orientação.

É possível. Mas isso não poupa o país de sujeitar-se às conseqüências que desabam globalmente sobre as economias do continente. A evasão de investimentos está na seqüência lógica dos acontecimentos, afetando, em graus variados, a todos. Se as conseqüências são globais, nada mais lógico que a busca de soluções aconteça também de modo conjunto

e articulado. Mais que nunca, é preciso que esses países constatem a realidade comum que os ameaça e se unam em torno de princípios e diretrizes comuns.

A adversidade é fecunda quando propicia a aproximação, a solidariedade e a troca de experiências. A união da América Latina é sonho que vem sendo elaborado lenta e pacientemente há anos. O presidente brasileiro, inclusive, tem sua cota de participação nesse processo. E não apenas por seu empenho em viabilizar o Mercosul. Sua presença no Chile, neste momento, tem, paralelamente ao caráter político, sentido emblemático.

Lá, Fernando Henrique e alguns de seus ministros, como José Serra e Paulo Renato, viveram, no final da década de 60, anos de exílio, perseguidos pelo autoritarismo militar. Nesse período, conheceram e conviveram com personagens que hoje exercem o poder naquele país. Entre outros, o presidente Eduardo Frei. Essa circunstância favorece o diálogo entre os dois países e facilita o encontro de soluções. Algo mais, além das responsabilidades da função, os une: o vínculo comum de ideais libertários cultivados no início da vida pública.

A geração que hoje exerce o poder na América Latina sofreu o pesadelo do autoritarismo e sonhou um mundo diferente de democracia e união continental, que o destino agora os desafia a realizar.